

## **ASCENSÃO & QUEDA DO ROCK DO IAPI: A TRAJETÓRIA DAS BANDAS LIVERPOOL E BIXO DA SEDA ENTRE A PORTO ALEGRE E O RIO DE JANEIRO DOS ANOS 1960 E 1970**

Arthur de Faria Silva<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este texto tem o intuito de perfilar as bandas Liverpool e Bixo da Seda, focando especificamente nas décadas de 1960 e 1970. Para isso, faço uma contextualização do local onde as bandas surgiram – o IAPI, em Porto Alegre/RS –, bairro de operários cujos filhos então adolescentes começam a fazer música. Ali se gera uma banda de culto entre os amantes de psicodelia de vários pontos do mundo, o Liverpool. Com um rápido destaque, logo se muda para o Rio de Janeiro, integrando-se à cena rock do começo dos anos 1970. Após sua dissolução, entre idas e vindas, basicamente os mesmos integrantes criam o Bixo da Seda, com outra sonoridade, e novamente tentam carreira no underground do rock brasileiro dos anos 1970. Os ângulos teórico-metodológicos utilizados para este perfil vieram da pesquisa qualitativa, em especial a entrevista biográfica, que foram realizadas com os integrantes das bandas.

**PALAVRAS-CHAVE:** cenas musicais; memória; música de Porto Alegre; rock gaúcho; psicodelia.

### **THE RISE & FALL OF IAPI ROCK: THE PATH OF THE LIVERPOOL AND BIXO DA SEDA BANDS BETWEEN PORTO ALEGRE AND RIO DE JANEIRO IN THE 1960'S AND IN THE 1970'S**

### **ABSTRACT**

This paper aims to profile the bands Liverpool and Bixo da Seda, focusing specifically on the 1960s and 1970s. To do that, I contextualize the place where the bands emerged – IAPI, in Porto Alegre/RS –, a workers' neighborhood whose then-teenage children start making music. There, a cult band was created among psychedelia lovers from around the world, Liverpool. With a quick prominence, the band moved to Rio de Janeiro, joining that rock scene of the early 1970s. After its dissolution, basically the same members created a new band called Bixo da Seda, with some different sonorities, and they try a new career – now in the Brazilian rock underground of the 1970s. The theoretical-methodological angles used for this profile came from qualitative research, such as interviews with the members of the two bands.

**KEYWORDS:** musical scenes; memory; music from Porto Alegre; gaúcho rock; psychedelia.

---

<sup>1</sup> Músico, compositor, pesquisador. Doutorando em Literatura Brasileira, lançou 20 álbuns, cinco livros, produziu 28 discos e compôs 52 trilhas para cinema, teatro e dança.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pesquisar a história da música popular de Porto Alegre é algo que faço há mais de três décadas, aproveitando minhas formações como músico – minha profissão – e como jornalista – profissão que exercia quando iniciei estas pesquisas. Quando decidi por um mestrado e, posteriormente, doutorado – ambos na área de canção popular, que, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi abraçada pela Literatura Brasileira – ajustei os focos e acrescentei método de pesquisa. Tenho um vasto projeto de escrever uma “biografia musical” da cidade de Porto Alegre, dividida em sete volumes, já tendo publicados o V: *Elis – Uma Biografia Musical* (Arquipélago, 2015). Meu doutorado resultará no III: *Lupicínio Rodrigues - Uma Biografia Musical*. E este artigo fará parte do VII: *Rock em Porto Alegre – Uma Biografia Musical*.

Este artigo então é mais uma forma de contar essa história: com ele, busco registrar um perfil biográfico das bandas Liverpool e Bixo da Seda que são, salvo engano, as mais importantes na gênese do rock feito no Rio Grande Sul, parte fundamental do contexto da música e da cultura jovem de Porto Alegre – e do Brasil.

Metodologicamente, utilizo procedimentos da entrevista biográfica (GOVARI, 2020; 2021), além de outros tipos de entrevistas (fechada, aberta) que realizei com os músicos ao longo dos anos. Com vários dos integrantes das duas bandas – Mimi Lessa (guitarrista e compositor), Fughetti Luz (vocalista e compositor), Edinho Espíndola (baterista) e Marcos Lessa (baixista e guitarrista) foram realizadas nove entrevistas entre 1990 e 2018, por variados meios: ao vivo, telefone, e-mail, Messenger, Facebook e WhatsApp. Em relação à pesquisa teórica, busquei suporte em autores como Calado (1997), Mello (2003) e Motta (2000) para compreender o período histórico dos festivais e da música popular brasileira.

Além disso, é preciso deixar claro que opto por um estilo de escrita justamente do *perfil biográfico* – fugindo, talvez, da escrita essencialmente acadêmica. O texto tem

certo caráter ensaístico, mas que busca colaborar com os estudos sobre perfis de bandas de rock no Brasil.

Na sequência, então, passo por diversos momentos das bandas: desde sua despreziosa gênese num bairro operário de Porto Alegre, até seu final, no Rio de Janeiro.

### A GÊNESE: A CRIAÇÃO DA CENA NO IAPI

Já compararam o IAPI com o Greenwich Village<sup>2</sup>, mas não tem nada a ver. Se é pra comparar com algum lugar mítico, compare-se com os bairros do sul de Londres, onde nasceram - do rancor proletário, da rebeldia com causas econômicas, do inconformismo punk – o Clash e os Sex Pistols, que incendiaram a fornalha do rock-contestação nos anos 70 (BUENO, 1990<sup>3</sup>).

Vila do IAPI: meio afastada do centro de Porto Alegre, ela fora construída nos anos Vargas, e planejada como bairro-padrão para industriários: tem praças, campo de futebol, prédios pequenos e sólidos com pátios e horta, tudo cercado de muitas árvores.

Exatos 10 anos depois de sua inauguração, muitos dos filhos dos primeiros moradores do bairro estavam passando por um perigoso formigamento conhecido como adolescência. Não deu outra. Em pouco tempo, para usar um termo da época, aquilo tornou-se um *melting pot* de cultura semiproletária: artistas plásticos, atores, uns poucos universitários e muitos – muitos! – músicos. A jovem porto-alegrense Elis Regina, por exemplo, ainda morava ali. E, naquele momento, aos 18 anos, gravava seu quarto disco – sendo que os dois primeiros eram cheios de roquinhos, mas os dois mais recentes já estavam totalmente alheios ao gênero (FARIA, 2015).

Em 1963, a juventude porto-alegrense interessada em novidades estava embriagada pelo rock'n'roll em sua variante instrumental-guitarrística: o som das *bandas de guitarra* - como The Ventures (EITELVEIN, 1993).

---

<sup>2</sup> Bairro dos intelectuais de esquerda da Nova York dos anos 1950, onde se reunia a *beat Generation*.

<sup>3</sup> Entrevista ao autor.

Pois começava ali a lenda que lançaria o IAPI no fabulário roqueiro nacional dos anos 1970. Duas das melhores e mais importantes bandas gaúchas de todos os tempos teriam grande parte de sua mítica vinculada à vida meio interiorana do bairro onde cresceram todos seus integrantes: Fughetti Luz, Pecos Pássaro, os irmãos Mimi e Marcos Lessa e o primo Edinho Espíndola. Se você não conhece o Bixo da Seda ou o Liverpool, não sabe do que foi capaz o rock gaúcho.

Tudo começa no IAPI mesmo, com a The Best. Que era, como o nome dizia, a melhor banda de guitarra... da quadra. Tinha como grande atração os irmãos Lessa: Marcos no baixo, Mimi na guitarra.

Um belo dia, um certo Carruíra, morador do distante bairro Jardim Itú e baixista de uma outra banda desconhecida e iniciante – quem não era desconhecido e iniciante então? – convidou Mimi para tocar com eles. A tal banda se inspirava num grupo inglês ainda obscuro no Brasil, chamado The Beatles. Como se chamavam os jovens do Jardim Itu? Liverpool. O nome da banda era, claro, uma homenagem à cidade natal dos *Fab Four* – que ainda não tinham nenhum disco lançado aqui, mas cujos álbuns eram ouvidos em sessões de culto, trazidos diretamente da Argentina.

Fughetti Luz, cujo maior sonho era ser vocalista numa época de bandas instrumentais, lembrou, num longo depoimento realizado ao longo de dias,<sup>4</sup> em 1990:

O Mimi disse que ia levar um cantor junto. Era eu! Só que ninguém sabia que eu era cantor, só eu! Eu e o Mimi. A gente se criou junto, tocando em tudo que era roda de samba do bairro. O Mimi no cavaquinho e eu na garrafa com abridor. (...) A gente morava próximo, um do lado do outro no IAPI, só que cada um era de uma turma diferente. O Mimi andava de botinha, Beatles e tal, e eu sempre na minha porta, tocando violão. O Mimi só me sacava... (LUZ, 1990).

Convite aceito, pegaram o ônibus para o Jardim Itu: Mimi, Fughetti... e Marcos, que na hora resolveu ir junto. Aí, aprovadas as contratações, o Liverpool fica sendo Fughetti na voz – uma novidade trazida pelos Beatles, quando a imensa maioria do rock feito no Brasil ainda era instrumental –, Mimi na guitarra-solo, Carruíra no baixo,

<sup>4</sup> Para o autor, em três tardes, na casa de Fughetti, em Porto Alegre.

Rochinha e Marcos nas guitarras-base e Vinícius, primo de Mimi, no glorioso cargo de *bicão* (que era como se chamava então o que hoje é o *roadie*).

Na bateria é que a coisa não engrenava: Alemão Roy, Robertinho da banda Os Minis... E, por fim, o já respeitado Vico – que nos anos de 1970 seria um sultão do suíngue do samba-rock local. Só que, segundo o pessoal, Vico tinha um vício estranho: faltar show. Aí não deu. Nesse meio tempo, o próprio Carruíra voara para fora da banda que criara, mas Mimi e Fughetti estavam tão felizes de tocar juntos que decidiram manter o trabalho, com o mesmo nome, e completando a formação em família.

Marcos assume o baixo e, para a bateria, chamam o primo dos Lessa Edinho Espíndola. Pouco importava o detalhe de que, além de ser pouco mais que uma criança – tinha 14 anos –, Edinho nunca tinha chegado nem perto do instrumento. Mas vivia batucando com cabides em tudo o que via pela frente e o pessoal resolveu apostar.

Logo, a banda virara uma instituição 100% cento IAPI, na forma de quarteto rocker brazuca clássico: voz, guitarra, baixo e bateria Pinguim. Mas faltava uma coisa. Essa coisa chegou com a entrada de Pekus - ou Pepeco, ou Pássaro - um dos maiores malucos-beleza do bairro, espécie de hippie *avant la lettre*, que o futuro mitificaria como o *Syd Barret do IAPI*. Marcos passa então para a guitarra-base, Pekus assume o baixo. O ano era 1967 e eles estavam prontos para enfrentar o Brasil. Só não sabiam ainda.

## **OPERÁRIOS DA MÚSICA: COMEÇANDO A DIFERENCIAR-SE DAS OUTRAS BANDAS DA CENA**

Mimi comenta como se deu o final do processo de diferenciação do Liverpool da grande quantidade de bandas que surgiram na cena à mesma época. Com suas vantagens e desvantagens:

*O Liver* começou leve e foi pesando. Em todos os sentidos. A gente era uma garotada ingênua que, de repente, foi parar no Rio de Janeiro, no meio de

artistas plásticos, intelectuais, músicos famosos, um pessoal muito louco. Aí, desbundamos. (LESSA, 2017<sup>5</sup>).

Mas antes disso teve muita coisa. Tudo o que se tinha direito naquela cena roqueira porto-alegrense de final dos anos 1960, começando pelos bailes – até três por noite (FARIA, 2001). Foi ali que começaram a se diferenciar, por dois detalhes. O primeiro: ensaiavam à exaustão. Coisa de oito horas por dia, cinco dias por semana - nos outros dois, sexta e sábado, trabalhavam: era quando iam tocar para o povo dançar. Essa disciplina só era possível por causa de uma empresa num bairro próximo, a Zivi Hércules. Durante a semana, a firma emprestava o clube dos funcionários para os rapazes, que o transformaram na sede/estúdio da banda. Fughetti comenta: “Os operários saíam do IAPI de manhã cedinho para trabalhar e a gente saía junto, para ensaiar. Éramos operários da música”. O outro diferencial era *o que* ensaiavam. Segue Fughetti:

A gente tocava Beatles, Rolling Stones, tudo. Pensei: tá errado. Todo mundo cantava o mesmo. Foi então que a gente começou a tocar The Birds, quatro vozes, cada um na sua. Ficava o dia inteiro tirando a voz e a pronúncia, e eu não entendo nada de inglês. (...) Comecei a mudar o Liverpool. Quando a gente tocou no Sindicato dos Metalúrgicos pela primeira vez, vendi o show por vinte pila, quando o cachê na época era 100. Na outra semana, quando terminamos o show, ainda em cima do impacto, fomos contratados de novo, só que o valor já era 100 pila. Moral da história: em um mês, a banda tava valendo 120 pila, e as outras não passavam de 100. Entrou música brasileira na roda, a gente divulgava Gilberto Gil, Caetano. Gravava direto da televisão (LUZ, 2015<sup>6</sup>).

Em tempos em que já não havia partituras de todos os sucessos, mas tampouco revistinhas com letras e acordes (muito menos [www.cifraclub.com](http://www.cifraclub.com)), eles montaram um birô de transcrição televisivo, que se instalava a cada possível aparição da nova turma de jovens compositores que surgia então. E aí interessava tanto os tropicalistas quanto nomes que nada tinham a ver com rock, como Edu Lobo. Em tempos em que gravadores eram um luxo de poucos, lá ficavam eles: lápis, papel e violões na mão,

---

<sup>5</sup> Entrevista por e-mail ao autor

<sup>6</sup> Entrevista ao jornalista Juarez Fonseca, cedida ao autor

atentíssimos. Quando entrava a próxima atração, um anotava a letra, outro decorava a melodia, um terceiro tentava acompanhar a harmonia. No baile seguinte estreavam ao vivo em Porto Alegre, em primeiríssima mão, *Alegria, Alegria, Domingo no Parque* e até a edulobiana *Memórias de Marta Saré*, que virou um dos seus maiores sucessos daqueles tempos.

Isso se explica também porque ninguém ali era sectariamente *rocker*. Mimi tinha começado na música tocando pífano na banda do Colégio Parobé e cavaquinho na Escola de Samba Praiana. Fughetti era ligado em samba e bossa nova e, sempre tentando aprimorar-se como cantor, enfrentara até a famigerada canção italiana dos anos 60:

Particpei do primeiro festival de música do Rio Grande do Sul, na Reitoria da UFRGS (Festival de Novos Compositores, 1963). Botei uma banda melódica<sup>7</sup>. (...) Na TV Piratini tinha um concurso que premiava três cantores. Me metia para saber como tava, e tirava o segundo lugar. Me sentia melhor, do tipo já-não-estou-cantando-tão-ruim. Cantava música italiana e metia bronca. (...) Desde os doze anos eu ia para o Rio de Janeiro. Tenho uma tia que, nas férias, sempre me levava para lá. Ia para Praça Onze fazer partituras com os coroa<sup>8</sup>. Não queria que roubassem minhas músicas, compunha um monte e fazia as partituras (LUZ, 2015).<sup>9</sup>

Empolgados que os diferenciais começavam a dar pé, tomam a decisão que os afastaria definitivamente da centena de bandas de então: iriam compor seu próprio material. Nessa época, no rock, só quem fazia isso eram os já vistos Os Satânicos e os desconhecidos The Bachfools (banda do adolescente Claudio Levitan). Com exceção de Lupicínio Rodrigues e uns poucos jovens autores que Elis Regina tinha gravado recentemente, há quase meio século não havia compositores conhecidos no Estado (até mesmo o sambista Túlio Piva estava esquecido nesse momento). Mas azar. O momento era de efervescência, motivado pelos festivais que explodiram no Rio Grande do Sul a partir desse de 1963 de que o Fughetti fala. Agora já estamos em 1968.

<sup>7</sup> Dito de outro modo, foi acompanhado por um conjunto melódico, o *Je Reviens*.

<sup>8</sup> Por opção textual e metodológico, não há correção verbal e nominal nas falas dos entrevistados.

<sup>9</sup> Entrevista ao jornalista Juarez Fonseca, cedida ao autor

Com as primeiras músicas próprias ensaiadas e um punhado de colaborações de amigos, caem nas graças do polivalente Glênio Reis. Um dos melhores amigos de Elis Regina, fora ele um dos maiores incentivadores para que a mocinha fosse embora de Porto Alegre. Havia feito o mesmo com o excepcional baterista Nenê, que trabalhava na banda do seu programa e, a partir de São Paulo, tornou-se um dos maiores instrumentistas brasileiros<sup>10</sup>. Agora seu foco era: esses guris são bons demais para murcharem e morrerem aqui.

Vinte anos depois<sup>11</sup>, ele lembrava com paternal ternura:

O Liverpool tinha uma coisa que me agradava muito... Eles faziam um rock que era puramente tupiniquim, brasileiro, tropical. Mas, ao mesmo tempo, estavam em sintonia com o que havia de mais moderno no mundo - apesar de toda a precariedade de condições que eles encontravam. Aquilo que o Jimi Hendrix fazia com uma guitarra de primeira qualidade, o Mimi fazia com um instrumento desgraçado, que às vezes berrava e apagava. Além disso, eram tão guris que o Edinho tinha de pedir autorização para os pais quando eles viajavam... (REIS, 1990<sup>12</sup>).

A banda assina contrato com a TV Gaúcha e ganha até um empresário importante: Jorge Além – o popular Gordo Salim. Organizada por Glênio, a caravana do *GR Show* lotava clubes por todo o Estado, numa iniciativa pioneira para o rock gaúcho. Já não havia a *banda* GR-Show (com Claudio Vera Cruz e Hermes Aquino). No seu lugar iam, em duas kombis: um conjunto melódico que se encarregava do baile; nossos rapazes para fazer o show. Para um bando de moleques proletários do IAPI, era uma *Magical Mystery Tour*. Fughetti lembra:

O pessoal parava de dançar para observar nossa arte: “Bah!, os neguinho quebravam o compasso no meio do salão!” Viramo banda de show, não de baile. Fizemos o Rio Grande pelo menos duas vezes, em tudo que é cidade. (...) Outro detalhe importante é que toda sexta-feira a gente sempre

---

<sup>10</sup> Tocando com gente como Hermeto Paschoal, Egberto Gismonti e Elis, por exemplo.

<sup>11</sup> Entrevista realizada em 1990 para uma reportagem do caderno ZH Zona Norte do jornal Zero Hora, de Porto Alegre.

<sup>12</sup> Entrevista ao autor



apresentava uma música nova. As pessoas já ficavam esperando, sabiam que vinha chumbo (LUZ, 1990<sup>13</sup>).

## POR FAVOR, SUCESSO: O EMPURRÃO QUE FALTAVA

O empurrão que faltava vem em 1969. Dividindo o palco com o cantor e compositor gaúcho Carlinhos Hartlieb, eles participam do II Festival Universitário da Música Popular, promovido pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). (MELLO, 2003)

Apresentam duas canções de Carlinhos: *Olhai os Lírios do Campo* e a esfuziante *Por Favor, Sucesso*. Um verdadeiro labirinto rítmico, cheio de andamentos diferentes, mas que nunca perde um sentimento de urgência ressaltado pelo arranjo nervoso, cheio de compassos e andamentos alterados – ausentes no original de Carlinhos. Além disso, há a letra, totalmente tropicalista, muitíssimo mais sofisticada do que qualquer coisa que algum compositor da cidade ligado ao rock já tivesse composto:

Procurei você pelo mapa da cidade, perguntei seu nome  
Procurei você pelo mapa da cidade, perguntei seu nome  
E quilômetros depois eu te perdi  
E quilômetros depois eu te perdi  
E... e... quilômetros depois eu te perdi

Por favor, estou muito assustado com você!  
Ouça, menina:  
Essa nova música  
Música  
Música, ah...

Que será sucesso durante um mês  
Que será sucesso durante um mês  
Que será sucesso durante um mês

Por favor, estou apaixonado por você!  
Veja, menina:  
Enquanto a chaleira esfria<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Entrevista ao autor

<sup>14</sup> Como bem observou o professor Luís Augusto Fischer, uma bela paródia à chaleira chiando da canção de Lupicínio Rodrigues.

E fria, ria,

Que estaremos certos durante um mês  
Que estaremos certos durante um mês  
Que estaremos certos durante um mês

Por favor, não estou mais preparado que você!  
Esqueça, menina:  
Mastigando sem parar,  
Como fará<sup>15</sup>  
Se parar?

Menos três minutos durante um mês  
Temos<sup>16</sup> três minutos durante um mês  
Menos três minutos durante um mês

Que será sucesso durante um mês  
Menos três minutos durante um mês  
Estaremos certos durante um mês  
Que será sucesso durante um mês

---

<sup>15</sup> Numa versão pirata de voz, violão e percussão, só com Carlinhos, ele canta: “com parar” em vez de “como fará”.

<sup>16</sup> Na mesma versão, Carlinhos repete três vezes “menos três minutos”.



**Figura 1:** Carlinhos Hartlieb e Mimi Lessa. Liverpool no palco do festival. **Fonte:** Arquivo do Autor.

Resultado: ganham o festival. Com a vitória, estavam automaticamente escalados para a final do IV FIC, o Festival Internacional da Canção da TV Globo, no Rio. Em uma semana – estamos em setembro –, lá subiam os rapazes no palco do Maracanãzinho, sendo chamados de Liverpool Sound e disputando com as mesmas pessoas que, pouco antes, assistiam embasbacados na TV: Jorge Ben, Os Mutantes, MPB-4, Marcos Valle e até Maysa.

### ***POR FAVOR SUCESSO: O DISCO***

Só que tomam *aquela* vaia – e não se classificam para a final. Mas também, queriam o quê? Para que se tenha uma ideia, quem ganhou o Festival foi a melodiosa e melosa *Cantiga por Luciana*. Dois anos depois da explosão tropicalista, às vésperas da

prisão e exílio de Caetano e Gil, o clima – ao menos no festival da Globo – não estava para experimentalismos.

Mesmo destino do Liverpool tiveram os outros – ousados – concorrentes gaúchos, que haviam se classificado na eliminatória paulista: Hermes Aquino e Laís Marques, acompanhados pel’Os Cleans. Mas é fato que a cena roqueira/tropicalista gaúcha ali presente impressionou e surpreendeu algumas pessoas, como os executivos da RGE que contrataram Hermes, e o pessoal do selo carioca Equipe, que assinou com o quinteto gaúcho. Sim. Um LP!



**Figuras 2 e 3:** Capa e contracapa do LP original. **Fonte:** Arquivo do Autor

Sabe o que é isso? Tirando Elis Regina, Teixeira, Gil, Gildo de Freitas, José Mendes e uns poucos conjuntos melódicos, artista gaúcha/o gravando LP era um feito raro. No rock, então, antes deles, só havia um disco do Conjunto Norberto Baldauf – *Rock on Big Hits*, 1959, Odeon – e o LP dos Brasas – *Os Brasas*, 1968, Musicolor.

Lá se vão de novo para o Rio, rumo à feitura do terceiro álbum do rock gaúcho (com as já tradicionais cartas de autorização dos pais de Edinho e Marcos na bagagem, já que ambos seguiam menores de idade).

O disco se chama *Por Favor, Sucesso*, é lançado na virada de 1969 para 1970, tem texto de contracapa assinado pelo radialista Glênio Reis e é, segundo muitos, a melhor coisa já feita por um artista de rock em terras sulistas. Que o diga, por exemplo, o jornalista Fernando Rosa, o *Senhor F*, autoridade maior em rock brasileiro dos anos 1960 e 70:

Eles produziram uma obra que aproximou-se da genialidade dos Mutantes. (...) o disco reúne um conjunto de ótimas composições, com instrumental acima da média e letras inteligentes e expressivas do cotidiano da juventude da época (...) com um impressionante trabalho de guitarra - com distorção no talo e harmonias rebuscadas. (...) Passados mais de trinta anos, a música de *Por Favor, Sucesso* não soa datada, cobrando com suas elaboradas composições e refino instrumental o reconhecimento que faltou no seu devido tempo (ROSA, 2014<sup>17</sup>).

Além da canção-título e da insólita mistura psicodélica de MPB com Jimi Hendrix chamada *Olhai os Lírios dos Campos*, há ainda duas outras canções de Carlinhos, ambas em parceria com Hermes Aquino: *Água Branca* e *Cabelos Varridos* – cuja letra é cantada duas vezes. Na primeira, os instrumentos e a melodia vão juntos. Já na segunda, os instrumentos seguem e a melodia é cantada como se a música acontecesse na metade do seu andamento. Deu para entender? Pois é. Melhor ouvir. Tem no YouTube e nos players digitais. Hermes comparece com mais três canções: a pop *Blue Hawaii*, que disfarça bem outra encrenca polirrítmica como a de *Por Favor, Sucesso*; *Voando*, uma festa psicodélica (relançada na virada do milênio na coletânea inglesa *Love, Peace & Poetry – Brazilian Psychedelic Music*); e uma pérola perdida do pop-rock nacional: *Você Gosta?*, simpaticíssima parceria dele com ninguém menos que Tom Zé:

Eu sei que você adora passear de pé no chão  
Eu sei que no seu sossego sossega meu coração  
Eu sei que você não gosta de me ver sem me arranhar  
Por isso vou lhe perguntar, me responda sem demora:  
- Você gosta de me abraçar?  
Gosta?

<sup>17</sup> Entrevista ao autor, por e-mail

Então me abrace toda hora!

Eu sei que você não gosta de magoar seu coração  
Mas quando eu estou em casa derrama leite no fogão  
E quando bota o açúcar faz o café derramar  
Por isso vou lhe perguntar, me responda sem demora:  
Você gosta de derramar?  
Gosta?  
Então derrame toda hora!

A injustamente esquecida Laís Marques, compositora num tempo em que raras compositoras gravadas havia, comparece também com três canções: *Impressões Digitais*, que acumula distorções e *feedbacks* de guitarras; *Tão Longe de Mim*, espécie de sambalão suingado, muito envenenado pelas guitarras de Mimi em cima da percussão virtuosa de Edinho. E a marcha-rancho em tempo ternário (invenção rítmica de Caetano, vide *Baby* e *É Proibido Proibir*) *Planador*.

Para fechar, três canções da própria banda: o *boogie-pop* meio gago *Que Mania!*, de Pepeco, Mimi e um tal Marquinho; a angustiada *Décimo-Terceiro Andar*, de Marcos – onde o próprio mostra que poderia ser um bom vocalista; e a hippie e totalmente tropicalista *Paz e Amor* – de Marcos e, de novo, Marquinho:

Sem lutas vou seguindo em frente  
De braços com o meu amor  
E na igreja o sino toca  
Saudando Deus Nosso Senhor:  
Viva o avião!  
Viva o Rei Pelé!  
Viva a cabeleira do Zezé!

O forte do trabalho é a complexidade das suas divisões rítmicas, que alternam compassos de sete, cinco e nove tempos com uma naturalidade que faz com que a complicação passe batido por quem não souber como ou não quiser perder seu tempo contando compassos. Tudo é muito orgânico, vivo e efervescente, em melodias por vezes ousadas, arranjos muito elaborados e rica instrumentação – que mistura uma cozinha poderosa de baixo e bateria com órgãos, pianos, percussões e camadas e mais camadas de guitarras. Além, é claro, de Fughetti Luz, que ao vivo já era uma figura absolutamente carismática, pulando pelo palco sem se importar com a paralisia infantil

que lhe deixara uma perna mais curta que outra, e que no disco brilha com uma voz clara e sutil que em nada lembra o vocal rouco e roqueiro que desenvolveria nas décadas seguintes.

Pirateado a torto e a direito, o álbum original vale pequenas fortunas em sites especializados pelo mundo todo (no Brasil, em média 300 dólares<sup>18</sup>). Dele ainda foi lançado, à época, um compacto duplo com algumas de suas músicas, mas uma nova tiragem aconteceria somente 40 anos depois. Quando foi relançado, em CD e vinil, na Alemanha, em 2009<sup>19</sup>.

Numa enquete entre 50 músicos, jornalistas especializados e produtores feita pela revista gaúcha Aplauso em 2007, ficou em segundo lugar entre os melhores discos do rock gaúcho<sup>20</sup> (só perdeu para *A Sétima Efervescência*, de Jupiter Maçã). Sua originalidade e criatividade foram pouquíssimas vezes alcançadas pelo rock brasileiro, em qualquer época. Gerou respeito e renome. Mas por conta do que, no tempo, acabou considerado seu maior mérito – a invenção –, o sucesso pedido ficou no título.

De qualquer forma, era um LP, e por um selo nacional. Foi graças a ele que os rapazes conseguiram estabelecer-se no Rio de Janeiro do começo de 1970. Rio que lhes traz três grandes novidades: contrato de um ano com a TV Tupi, sucesso *cult* e... drogas. Sim. Até então, nem maconha fumavam. A partir daí, o LSD, em particular, teria seus efeitos – devastadores em Pepeco.

Sob o impacto dessas quatro coisas, voltam a gravar pela Polydor, em 1971. O compacto com *Hei, Menina* é produzido por Nelson Motta (MOTTA, 2000) e assinado com o nome que passam a usar: Liverpool Sound. Em seguida, outro compacto, só que duplo, com a trilha do filme *teen* praieiro *Marcelo Zona Sul*, estrelado por um muito jovem Stepan Nercessian e cujo maior mérito era a música – a trilha em si, de Geny Marcondes e Denoy de Oliveira, e as canções (que não eram lá grande coisa),

<sup>18</sup>Disponível em: [https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2064505178-lp-liverpool-por-favor-sucesso-original-JM#position=13&search\\_layout=stack&type=item&tracking\\_id=32a48961-cde4-4efb-b8ab-d5eef9f51310](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2064505178-lp-liverpool-por-favor-sucesso-original-JM#position=13&search_layout=stack&type=item&tracking_id=32a48961-cde4-4efb-b8ab-d5eef9f51310) > Acesso em 01 nov 2021.

<sup>19</sup> Numa edição que inclui os compactos de que falaremos a seguir.

<sup>20</sup> Disponível em: [https://issuu.com/portfoliodojornalista/docs/especial\\_rock\\_ed\\_83](https://issuu.com/portfoliodojornalista/docs/especial_rock_ed_83) > Acesso em: 01 nov 2021.

compostas quase todas pelo diretor Xavier de Oliveira e apenas executadas pelo Liverpool.



**Figura 4:** Cartaz do filme “Marcelo Zona Sul”. **Fonte:** Arquivo do Autor

Mais uma excelente boa-nova: assinam um contrato de um ano com o programa *Som Livre Exportação*, da TV Globo. Entre 1971 e 1972 viajarão muito com o programa, que, semanal, era gravado ao vivo em grandes shows por diversas cidades brasileiras. Estavam novamente lado a lado com ídolos de pouco tempo antes: Caetano, Bethânia, Os Mutantes. Completando o time, Simonal e talentosos novatos saídos do MAU – Movimento Artístico Universitário –, como Gonzaguinha e Ivan Lins. Tudo capitaneado pela grande estrela apresentadora da atração: a ex-vizinha de bairro Elis Regina.





**Figura 5:** Elis Regina, Marcos, Pecus, Fughetti, Gonzaguinha, Edinho. No piano, Simonal e Ivan Lins. **Fonte:** Arquivo de Edinho Espíndola

Também faziam shows pelos subúrbios cariocas, impressionando o pessoal com o nível de elaboração musical e o peso quase inédito daqueles gaúchos. Num cenário dominado por bandas como The Bubbles – o futuro A Bolha – e Os Famks – futuro Roupa Nova –, eles aparecem elevando o tom da discussão.

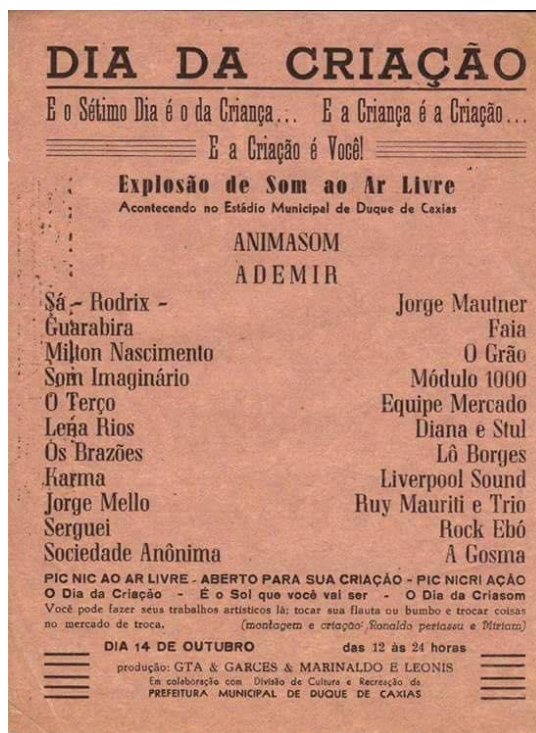


Figura 6: Cartaz do festival. Fonte: Arquivo do Autor

## DE FUNCIONÁRIOS DA TV GLOBO A SUPOSTOS TERRORISTAS

O prestígio crescia. Milton Nascimento chega a *abrir* um show do Liverpool. Em 1972, são, com Milton, Lô Borges, Sá & Guarabyra, Som Imaginário e O Terço, as principais atrações do “Dia da Criação”, que muitos apontam como o primeiro festival hippie do Brasil, em Caxias, no Rio. No mesmo ano, um *Som Livre Exportação* mais do que especial: agravado no Auditório Araújo Vianna, em Porto Alegre, com sua lotação de seis mil pessoas esgotada. O programa vinha pela primeira vez ao Estado, e justamente com o Liverpool. Foi das melhores performances da banda. Quem viu, lembra. Representantes da Som Livre e da Philips viram. E ambas manifestaram interesse pelo passe da banda então sem gravadora.



**Figura 7:** na plateia do Auditório Araújo Vianna, durante passagem de som do Som Livre Exportação. **Fonte:** Arquivo de Juarez Fonseca

Só que, fora do palco, as coisas não iam bem. Fughetti conta sua versão: “Era tudo de mentira! Esse lance de ficar trabalhando na Globo e magueando em Copacabana... Só se jogava conversa fora, papo de praia, sem ir às profundezas, na essência do ser...”<sup>21</sup>. Ele começa a dizer não: “E só eu que dizia não”. E teve mais, como contou em longa entrevista para o jornalista Juarez Fonseca, em agosto de 2015<sup>22</sup>:

E na Globo eles queriam arrumar os meus dentes, porque desde criança eu tenho os dentes separados. E eu disse: então o seguinte, feito, vocês arrumam os meus dentes, mas com uma condição, que é arrumar minha perna! Vocês conseguem arrumar minha perna? Cara, eu sou assim desde pequeno, a perna é um presente que eu ganhei para atravessar o planeta, minha caminhada no mundo. A pessoa é o que ela é. Então deixem os meus dentes, e me filmem assim, vai dar tudo certo. Eu comprava essas paradas... (LUZ, 2015<sup>23</sup>).

<sup>21</sup> Da série de depoimentos ao autor, em 1989.

<sup>22</sup> Publicada em parte no jornal Zero Hora, de Porto Alegre/RS. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2015/10/fughetti-luz-para-tudo-que-termina-ha-um-novo-recomeco-4879717.html> Acesso em: 01 nov 2021

<sup>23</sup> Entrevista ao jornalista Juarez Fonseca, cedida ao autor

Mimi completa, resumindo a trajetória do grupo:

A nossa educação no RG do Sul é muito severa. Acho que quando o cara vai morar numa cidade maior, saindo de Poa, a pessoa desbunda! Para nós, provincianos do IAPI, foi muito legal vir logo para o cosmopolita Rio de Janeiro. Dá uma quebrada com swing. Acostumados a fazer o que tínhamos na cabeça, isso provocou uma profunda mudança no peso de nosso som. (Mas foi na Porto Alegre que fizemos o curso de todos os aprendizados para o mundo. Principalmente no IAPI, onde conheci Jimi Hendrix, Eric Clapton, Allan Holdsworth, Clapton na época do Bluesbreakers. Ainda no quartinho da Vila tirei memoráveis solos de Little Girl e Hideaway. Mas Hendrix foi o que mais influenciou.). Nós éramos garotos inocentes, buscando novos caminhos. Queríamos tocar guitarra, gritar nos vocais, suar a camiseta. Era essa a nossa onda. Cazuza decidiu ser músico depois de assistir uma apresentação do Liver na praça Nossa Senhora da Paz, coração de Ipanema, em 1972. Na época eu despertava alguma curiosidade pelo som que tirava do instrumento. Muitos vinham trocar uma ideia. Na verdade, o Liverpool conseguiu uma boa comunicação com a indústria do entretenimento. Mesmo os nacionalistas nos considerando sem conteúdo, não éramos subservientes. Quebra de tabus, drogas, morte do Hendrix, da Joplin, enfim um desbunde geral, acontecendo tipo uma revolução cultural, a patrulha nacionalista nos julgando alienados (LESSA, 2017<sup>24</sup>).

E a patrulha pegando justo o Liverpool era uma ironia. Afinal, eram a honrosa exceção de banda minimamente politizada no cenário do rock gaúcho que, mesmo em tempos de AI-5, era totalmente avesso a qualquer interesse político, de esquerda ou de direita<sup>25</sup> – ao contrário do pessoal da MPB e da tropicália gaúcha. No que, sem espanto, repetiam o cenário nacional, onde os roqueiros da Jovem Guarda e mesmo Os Mutantes e outras bandas não ligadas à estética JG estavam tão distantes quando desinteressados dos rumos da política nacional, mesmo com a ditadura fazendo suas vítimas.

Mimi lembrando-se da primeira experiência traumática na área, ainda em Porto Alegre:

A Arte por si só é essencialmente política. O que as bandas de rock anos 90 e atuais não sabem é que tocar rock na ditadura foi uma prova de fogo. Era permitido arrancar as pessoas de suas casas. Uma vez, saindo de uma

---

<sup>24</sup> Entrevista ao autor, por e-mail

<sup>25</sup> Na campanha para as eleições de 2018, que dividiram o País entre os pró e os contra Jair Bolsonaro, uma significativa parcela dos protagonistas do rock gaúcho dos anos 1960 se manifestou a favor do candidato de ultradireita.

reunião, a gente tava na escadaria do prédio quando, de assalto, dois caras: calças jeans, jaqueta, armados. Nos renderam. Pediram para o Fughetti abrir a porta. Ele argumentou que eles não tinham mandado. Levou logo uma coronhada e abriu rapidinho. Começaram a procurar flagrantes quando, de repente, surge dona Leonita, mãe do Fughetti, suplicando a eles que não prejudicassem os meninos. Aqueles caras que se diziam policiais eram realmente da polícia. Mesmo sem nada encontrar, nos levaram. Já na delegacia tivemos que ouvir de um repórter que iam nos colocar com fotos nas páginas policiais. O delegado dizendo que ainda ia botar em cana esse tal de Hermes Aquino. Coitado do Hermes (LESSA, 2017<sup>26</sup>).

Essa foi moleza. Na segunda, a barra pesou. Pecos se meteu numa confusão com drogas, a polícia começou a marcar de cima e a pressão foi demais para sua cabeça. De maluco-beleza, o garoto cheio de vida passou a maluco de carteirinha. Mimi: “Terminavam as músicas e ele continuava tocando... O público até gostava, achava genial, mas não era arranjo nem nada. Era loucura mesmo”<sup>27</sup>.

E aí veio a terceira, em duas partes. Começa ao amanhecer de mais uma noite em que Pecos passara insone e infernizando a todos com seu violão de 12 cordas. No meio de um acorde, ele sai porta afora. A banda morava todos juntos, num sítio no interior do Rio, naquele clima hippie-comunitário também adotado pelos Mutantes e os Novos Baianos nesses anos. Ensaíavam dia e noite um show novo e tomavam variadas porcarias. Quando se deram conta de ir atrás de Pepeco, ele já não estava à vista. Os minutos viraram horas, que viraram dias. E ele não voltou. E aí, no lugar do amigo, quem pinta é a sujeira: a polícia invade o local de surpresa e, para piorar um cenário já suficiente bandeiroso, o tal sítio tinha sido emprestado por “subversivos inimigos do regime”<sup>28</sup>.

Foram longos meses até receberem notícias de que Pepeco fora localizado. No Maranhão. E que tinha ido até lá pedindo carona improvisando repentes ao violão. Mas aí o Liverpool não existia mais. E pior: tinha amargado uma cana. E cana braba em 1972, época mais terrível da ditadura militar. Imaginem Edinho, com cara de garoto imberbe e cabelos pela cintura, passando por uma galeria central ovacionado aos gritos

<sup>26</sup> Entrevista ao autor, por e-mail

<sup>27</sup> Entrevista ao autor, por telefone, em 1990.

<sup>28</sup> Conforme contou Mimi ao autor, por telefone, em 1990.

de “Oba, carne nova!”. A sorte é que, menor de 21, foi quase imediatamente liberado, enquanto os outros se apressavam em conseguir instrumentos musicais para animar a galera da forma mais saudável possível – já que as outras opções não eram das melhores.

Logo quem os prendeu descobriu que o lance daquele bando era música mesmo, e não guerrilha. Escapar do pior, escaparam. Mas já soltos, verão de 1972 para 73, acabam com a banda, e Fughetti e sua mulher Zefa se mandam pra Europa. Morria ali o primeiro sonho roqueiro gaúcho de conquista do cenário nacional.

### **DIÁSPORA: NOVAS FORMAÇÕES GIRANDO EM TORNO DA TURMA**

Logo que sai de cana, Mimi volta para o IAPI, onde, veja só, reencontra Pepeco – que tinha voltado do Maranhão aparentemente mais calmo. Marcos e Edinho resolvem seguir tentando a vida no Rio. Fughetti, sem falar nada além de português, rodava pela Europa. Mas era ainda 1973 quando o guitarrista gaúcho Zé Vicente Brizola procura seu ídolo Mimi com uma proposta. O filho do homem que era o exilado mais famoso de então lhe pergunta: “vamo fazer uma banda?”

Para seu espanto de fã do Liverpool, Mimi não só topou como chamou Edinho. Resolvem incrementar o som com um tecladista e o escalado é um músico respeitado da cena: Cláudio Vera Cruz (ainda passariam pelo posto o gaúcho Paulo Casarin<sup>29</sup> e o carioca Renato Ladeira<sup>30</sup>). Completando o time, no baixo, mais uma chance para Pecus. Que já chegou batizando a banda: quem mais poderia, enrolando *um*, ter a ideia? “- Bicho-da-Seda!”, grita Pepeco. “- Melhor: Bixo com ‘x’, que ‘ch’ não funciona!”.

O Bixo da Seda estreia no palco do Clube de Cultura<sup>31</sup>, num show lotado, quente... e tenso. Pecus repetiu o número de não notar que o espetáculo terminara e

---

<sup>29</sup> Que, décadas mais tarde, integraria os Engenheiros do Hawaii.

<sup>30</sup> Ex-integrante d’A Bolha e Futuro parceiro de Cazuza em “Faz Parte do Meu Show”.

<sup>31</sup> Na Ramiro Barcellos, final do bairro do Bom Fim, o mesmo clube que, fundado por judeus de esquerda nos anos 1960, vivia na mira da polícia da ditadura.

seguiu tocando noite adentro. O público bixo-grilo deliciado. A banda, puta da cara<sup>32</sup>. Tanto que, quando chegou do Rio de Janeiro o convite para que eles fossem uma das atrações de um festival de rock, o baixo foi assumido por Zé Vicente, Vera Cruz passou para a guitarra e Pepeco, o Pássaro, convidado a voar para fora do ninho (o que era inevitável, mas, segundo alguns fãs e pesquisadores entre os quais me incluo, foi decisivo para que o Bixo não tivesse a mesma febril loucura do Liverpool).



**Figura 8:** Mimi, Zé Vicente, Edinho, Vera Cruz. **Fonte:** Arquivo de Edinho Espíndola

Nem um ano havia passado e eles já estavam convidados para voltar para o Rio - menos Vera Cruz, que preferiu ficar e foi substituído por quem? Marcos Lessa, claro. O Rio de Janeiro continuava lindo. E um tanto inóspito para aquela gurizada ainda um pouco suburbana. Zé Vicente logo se mandou para o Uruguai para encontrar o pai Leonel Brizola. Mas, em compensação, quem tinha reaparecido cheio de histórias para contar? Fughetti, que lembra:

Tudo que ouvia no meu quarto no IAPI pude ouvir ao vivo na Europa. Tinha um pub na esquina da minha casa, e lá vi o Yes, The Who. Na Holanda,

<sup>32</sup> Não me parece deslocado do contexto usar um termo tão pouco acadêmico.

fiquei três dias no Museu do Van Gogh. Musicalmente, descolei trabalho, trabalhei para isso. Mas não estava lá para aprender o idioma deles, estava somente dando uma banda, não sabia aonde ir. Comprei uma kombi-house e viajei de Londres para França, Holanda, Bélgica (LUZ, 2015<sup>33</sup>).

A aventura durara um ano e dois meses, no meio dos quais nasce sua única filha, batizada Shanti Luz. Ia tudo bem até que um problema com a imigração o manda de volta para seu País de origem. A mulher e a filha vão de avião, Fughetti é embarcado num navio. Só que, para pagar sua passagem, teria de trabalhar, fazendo alguma coisa. Não teve dúvida: “Podexá que eu cuido da farmácia”<sup>34</sup>.

A princípio, ele não queria se juntar à trupe. No curto espaço de tempo desde seu retorno da Europa, Fughetti tinha montado uma banda chamada Laranja Mecânica, composto o repertório de outra, a Trilha do Sol, e assumido os vocais numa terceira, o Bobo da Corte (que tinha bons músicos como o baixista Flávio Chaminé e a baterista Gatinha). Sem falar no livro de poesia que bancou do próprio bolso e distribuiu pela cidade atirando o dito cujo pelas janelas dos ônibus!

Mas a cada tanto, rolava um clima. Os três amigos saudosos ficavam convidando, convidando... Até que um dia o Bobo da Corte abriu um show para o Bixo, Fughetti deu uma canja e pronto: *the song remains the same*. Saldo final: Bobo sem vocalista e o Bixo da Seda, agora um quarteto, novamente como produto 100 % IAPI.

O que, aliás, sempre fora motivo de grande orgulho. Os portenhos têm um termo para isso: *orgullo barrial*. Pois os cinco – Pepeco incluído – sempre tiveram (até hoje têm) um curioso bairrismo, de guri criado jogando pelada num campo de futebol de dimensões oficiais vaidosamente chamado de Estádio Alim Pedro (que sediou jogos históricos como Bixo-da-Seda x Gilberto Gil & banda). De turma tocando em rodas de samba pelas ruas quase interioranas, cadeiras na calçada, chimarrão no fim da tarde e Beatles no violão vagabundo. De uma gente humilde, trabalhadora e, em alguns casos, ansiosa por ebulição. Edinho: “Pra nós, a Vila nunca deixou de ser o máximo. Tinha tudo o que a gente sonhasse ter. Nos tempos do Liver, então, o Menino Deus (bairro

<sup>33</sup> Entrevista ao jornalista Juarez Fonseca, cedida ao autor.

<sup>34</sup> Depoimento ao autor, em 1990.



mais central da cidade) já era o fim-do-mundo... Sempre que a gente pode, voltou pra Vila<sup>35</sup>”. São Paulo dá café, Minas dá leite e a Vila do IAPI... dá rock. Vamos embora para o Rio.

### **O BIXO DA SEDA, OU AGORA A COISA VALI..**

A estreia nacional ocorreu no Festival da Praia do Leste, um dos primeiros só de rock no Brasil. E não podia ter sido melhor. O público, nada *flower power*, premiava com areia o desempenho das bandas participantes. O Terço, O Som Nosso de Cada Dia e Rita Lee & Tutti Fruti tinham sido praticamente soterrados. Aí os guris subiram ao palco – vamos no termo exato – cagados<sup>36</sup>. Quinze minutos do show e a *rapêize* do *bêise* tinha se acalmado. A noite estava ganha e os cômodos de areia preservados.

O segredo do Bixo era simples: ao invés do rock tropicalista e elaborado que faziam no Liverpool, agora o lance era inequivocamente rock’n’roll stoniano – ainda que com eventuais voos progressivos bem ao gosto das bandas inglesas da época. Tudo incendiado pela guitarra de Mimi, cozinhado por Marcos e Edinho e com um espetacular performer: Fughetti Luz, que sabia aproveitar a imagem de fauno que os longos cabelos e a barba considerável já lhe davam. E pulava ensandecido pelo palco.

Só que, se a música estava mais simples, a vida estava complexa. Ninguém mais ali era criança - nem Edinho. Já havia famílias e casa para sustentar. Só ficar no Rio já era um esforço que precisava valer a pena. Além disso, nenhuma banda de rock estava se dando muito bem na época. Até para os Mutantes (agora só com Sérgio Dias) o panorama era ruim – e eles também tinham feito um caminho parecido, saindo da invenção tropicalista para semi-clonagem do rock progressivo inglês da época. O público roqueiro de meados dos anos 1970 era fiel, mas pequeno – e composto basicamente de malucos movidos a chá de cogumelo sonhando com Woodstock e com

---

<sup>35</sup> Entrevista ao autor, em 1990.

<sup>36</sup> Valha a mesma nota páginas acima: opto sempre pelo mais coloquial possível, considerando o tema e a coerência com os depoimentos colhidos.

pouco ou nenhum dinheiro. Para uma banda que, com outro nome, havia sido contratada da TV Globo, o contraste era complexo.



**Figuras 9 e 10:** o lendário show da abertura das Rodas de Som, no Teatro de Arena. **Fonte:** Arquivo de Renê Goya.

Aí foi aquilo: fizeram seu nome nos festivais de rock – como o de Saquarema. Arrasaram em Porto Alegre, na abertura das *Rodas de Som* organizadas pelo velho chapa Carlinhos Hartlieb em 1975. E dividiram palcos nacionais com os maiores artistas do gênero de então – de Raul Seixas e Rita Lee a O Terço e Made in Brazil. Mas seguiam, como a quase totalidade do rock da época, a quilômetros de distância do *mainstream*. E olha que tentaram. Apelaram até para o banho de butique, clima Glam

Rock que havia ajudado o Tutti Frutti – e quem conhece os rapazes começa a rir só de imaginar.

Mas então veio um disco, e até com uma certa moral de investimento da gravadora Continental<sup>37</sup> – que fez, por exemplo, Renato Ladeira deixar sua banda A Bolha para entrar como tecladista efetivo. Só que o resultado deixou muito a desejar.

Para seus contemporâneos, o álbum *Estação Elétrica*, lançado em 1976 com luxo e capa dupla e reeditado algumas vezes em LP e CD<sup>38</sup>, é uma pálida imagem do que era o Bixo ao vivo. Entre os membros da banda, nenhum gosta do resultado. E apontam como um dos maiores problemas o técnico: um americano importado pela gravadora que não falava uma palavra de português – os rapazes tampouco falavam inglês – e cuja única credencial era “trabalhou em Woodstock”. A piada era: fazendo o quê, ninguém sabia.

De qualquer forma, para quem não tem como comparar, é um disco feito por músicos sofisticados, com suas já características quebras de ritmo e andamento, e aquelas harmonias de quem sabia tocar bossa nova. Houve quem adorasse o disco, e há até hoje. Afinal, ele tem instrumentais viajandões com aqueles compassos quebrados tão ao gosto dos rapazes - como *Vênus* e *Sete de Ouro* (parcerias com o baterista e compositor Vinícius Cantuária). Também tem rocks básicos 70's assinados por toda a banda, como a própria *Bixo da Seda* ou *Um Abraço em Brian Jones*. E parcerias de Mimi e Fughetti – que, nessa época, assinava Fuguett –, como as totalmente fughettianas *Já Brilhou* e *Trem*, com aquelas letras hippies repletas de mística rocker que vão ter uma penca de herdeiros no rock gaúcho dos anos 1980.

Lançam o disco, que vende pouco – como vendiam pouco todos os discos de rock que não fossem de Rita Lee ou Raul Seixas. Seguem com shows em Porto Alegre e no Rio, mas que não são suficientes para manter as contas em dia. Mesmo indo dos bailes blacks dos subúrbios cariocas ao gaúcho Teatro Leopoldina, para garantir o leiteinho das crianças tinham de fazer uns bicos como banda de apoio e chegam até a

<sup>37</sup> Que, no ano anterior, tinha tido uma ótima experiência com os dois primeiros LPs dos Almôndegas.

<sup>38</sup> Cujas edição original chega a custar U\$ 100 em sites e lojas especializadas.

gravar uns jingles. Mas aí foi demais para Fughetti, que se bandeia de volta para sua terrinha. Mimi comenta:

Saindo das limitações da vila, que era nosso universo de futebol, música, namoros, para o mundo da competição, conhecendo outros tipos de artes, caminho fácil para se chegar aos desbundes e pirações, no meio do sucesso ele foi capaz de recusar o que ninguém recusaria, tipo gravar um jingle pra coca-cola ou não gravar uma música do Caetano para abrir uma novela. Ele era subestimado pelos nacionalistas e desprezado pelos direitistas, uma bandeira inquieta e solitária. Sou testemunha do grande artista que ele é, uma referência (LESSA, 2017<sup>39</sup>).

Deviam ter acabado ali, mas não o fizeram. E duraram mais do que deveriam. Em 1979, quando as garçonetes da discoteca do Nelson Motta estouram em todo o país como *As Frenéticas*, quem reparasse bem – mas bota reparar nisso – podia notar que, fantasiada de astros *disco*, a banda de apoio era um trio que antigamente se chamava... Bixo da Seda. Aqueles mesmos rapazes lá do Liverpool, que haviam sido produzidos pelo mesmo Nelson Motta poucos anos antes. O sonho, definitivamente, tinha acabado.

Em 1981, também como banda de apoio, fazem uma brilhante participação no disco de estreia do cantautor gaúcho Bebeto Alves. Uma última tentativa de retomada ainda é feita entre 1984 e 1985, animada pela explosão do novo rock brasileiro. Nela estão Mimi, Marcos e Edinho, mais o maior guitarrista gaúcho da geração seguinte a eles: Zé Flávio, que vinha de tocar com os Almôndegas e Kleiton & Kledir. Nos vocais, primeiro tentam um sujeito chamado Vidigal, depois chamam um iniciante porto-alegrense discípulo de Fughetti: Alemão Ronaldo, já então líder da nascente Bandaliera, assumidamente inspirada no Bixo. Não deu em nada.

A partir dos anos 1990, a cada tanto o pessoal se junta – como no show de reabertura do Auditório Araújo Vianna, em 1996, com Fughetti no vocal e a participação especial da Banda Marcial do Colégio São João. Ou em outros tantos com algum vocalista convidado, geralmente o gaúcho Marcelo Guimarães. Sempre fazem bonito. Afinal, até hoje o som peculiar construído pelos cinco carinhas do IAPI tem fãs

---

<sup>39</sup> Entrevista ao autor, por e-mail

espalhados pelo mundo. Renato Ladeira lembra: “Os caras tocavam ritmos completamente quebrados com uma naturalidade de quem estava no compasso mais banal do mundo. Isso e as harmonias do Mimi espantavam muito o pessoal do rock”<sup>40</sup>.



**Figura 11:** Arnaldo Baptista, Pecus, Marcos, Rita Lee, Fughetti, Liminha. **Fonte:** Arquivo do Autor.

João Baptista, ex-baixista do grupo gaúcho Os Almôndegas, comenta: “A época era de Mutantes e o Liver estava muito à frente deles em termos de harmonia. Foram o melhor grupo que o estado já teve”<sup>41</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este texto, busquei relatar a história das bandas Liverpool e Bixo da Seda, fazendo um perfil de ambas. Por que falar sobre isso tem alguma importância? Porque

<sup>40</sup> Entrevista ao autor, por telefone, em 1990.

<sup>41</sup> Entrevista ao autor, por telefone, em 1990.

são fundamentais para a gênese do que hoje é conhecido nacionalmente como *rock gaúcho*<sup>42</sup>.

Poucas histórias acontecidas com músicos de Porto Alegre – que são meu tema central de interesse de pesquisa – resumem tão bem sua época, a do rock que nasceu e cresceu durante a ditadura militar. Estão aqui histórias de repressão e desbunde, cultura e contracultura, num momento do *showbizz* brasileiro em que o cenário para o rock ainda era muito inóspito.

Ao mesmo tempo, simbolizam a velha questão ligada aos músicos de Porto Alegre desde o começo do século XX: a incompreensão sobre a dificuldade da música feita na cidade ser considerada *nacional*. O que sempre é pensado em relação às exceções, como Salvador, Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro ou São Paulo, e nunca com relação à regra, ao fato de que o mesmo acontece com quase todas as outras capitais brasileiras.

Por fim, para os músicos do rock gaúcho, essas duas bandas são muito citadas, pouco escutadas e raramente estudadas. Esse artigo pretende diminuir estas lacunas (assim como toda essa pesquisa que resultará em um livro).

## REFERÊNCIAS

CALADO, Carlos. **Tropicália**: a História de Uma Revolução. São Paulo: Ed. 34, 1997.

EITELVEIN, Gilmar. **O Rock**, da série **A Música de Porto Alegre** (CD e fascículo). Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre / SMC, 1993.

\_\_\_\_\_. **Fughetti Luz** – O Rock Gaúcho. Porto Alegre: Edição do Autor, 1996.

FARIA, Arthur de. **As Origens**, da série **A Música de Porto Alegre** (CD e fascículo). Porto Alegre: Unidade Editorial Porto Alegre / SMC, 1995.

\_\_\_\_\_. **RS: Um Século de Música** (livro com 5 CDs). Porto Alegre: Branco Produções, 2001.

<sup>42</sup> Há novos pesquisadores abordando o rock gaúcho, como Pedroso (2019) e Govari (2020), mas ambos focam na cena do Bom Fim da década de 1980.

\_\_\_\_\_. **Elis** – Uma Biografia Musical. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

GOVARI, Caroline. “Alô, tchurma do Bom Fim”: Memórias de uma cena musical porto-alegrense. **MusiMid: Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia**, v. 2, n. 2, p. 68-87, 23 out. 2021.

GOVARI; Caroline. 2020. Método biográfico. In: “**Dois notas chegam para mim. Dois acordes repetidos sem fim**”: a constituição musical, midiática e identitária do rock gaúcho na década de 1980. Tese (doutorado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, p. 114-119.

MELLO, Zuza Homem de. **A Era dos Festivais** – Uma Parábola. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MOTTA, Nelson. **Noites Tropicais** – Solos, Improvisos e Memórias Musicais. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2000.

PEDROSO, Lucio Fernandes. **História de um Bom Fim**. Boemia e transgressão de um bairro maldito, 2019, 210 p.

**Recebido em 29 de julho de 2021.**

**Aprovado em 03 de novembro de 2021.**